

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## UMA LITERATURA QUE NÃO PARECE NADA EVIDENTE...<sup>1</sup>

*Marc Quaghebeur*

A partir da tese de doutoramento *L'Œuvre nommée Rimbaud*, Marc Quaghebeur foi desenvolvendo um sentido agudo das exigências da modernidade estética, das implicações linguísticas na criação e no imaginário literários, bem como da inevitável contextualização histórica da obra literária francófona produzida fora do contexto francês.

A conjugação destes enfoques, numa altura em que é publicado em Paris o manifesto “Une autre Belgique” na revista *Les Nouvelles Littéraires* (1976), levou-o a considerar a especificidade do *corpus* literário belga de língua francesa numa perspetiva periférica, fora da grelha de leitura hexagonal, marcada pela aceção romântica e nacional da literatura e da História.

Marc Quaghebeur, que é também romancista, havia de desenvolver estas ideias e intuições teóricas em dois ensaios centrais: *Balises pour l'histoire des lettres belges* (1998) e *Lettres belges. Entre absence et magie* (1990), assim como em inúmeros artigos

---

<sup>1</sup> *Introduction aux littératures francophones - Afrique - Caraïbe - Maghreb*. Sous la direction de Christiane Ndiaye avec la collaboration de Nadia Ghalem, Joubert Satyre et Josias Semujanga. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal. 2004. ISBN 2-7606-1875-7, pp. 16-20.

críticos, incontornáveis para a abordagem da literatura belga francófona, como por exemplo “Littérature et fonctionnement idéologique en Belgique francophone”, publicado em 1980 no número memorável da revista da ULB, *La Belgique malgré tout*. Refira-se também que Marc Quaghebeur, enquanto responsável pela instituição Archives et Musée de la Littérature e diretor de várias coleções editoriais, foi o promotor da criação de inúmeros centros de estudo e divulgação da literatura belga de língua francesa na Europa.

O facto de a existência da nossa literatura não parecer evidente constitui uma singularidade que merece não só a nossa atenção, como carece de aprofundamento. Convirá por certo epilogar um dia, e inclusive polemizar, acerca da ilusão relativa da noção de literatura nacional onde Rabelais e Voltaire, por exemplo, tal como Mallarmé e Hugo, parecem fazer naturalmente parte de um corpus miticamente apresentado como homogéneo. Não deixa, contudo, de ser sintomático ver-se hoje a maioria dos francófonos da Bélgica não possuírem qualquer consciência de um património literário próprio. Situação essa que não é a dos quebequenses ou dos suíços, dos dinamarqueses, dos flamengos, dos húngaros ou dos finlandeses... Situação essa que, por outro lado, não é de forma alguma reivindicada como a afirmação de uma posição original, internacionalista e sensibilizada pela extrema particularidade de cada obra marcante... Bem pelo contrário, deparamo-nos com um vazio. Percebe-se rapidamente esta ausência, por vezes lancinante, no discurso de cada um como sendo uma recusa de si próprio em que se misturam um complexo de inferioridade e a projecção substitutiva na grandeza, real ou suposta, de outros espaços culturais, reivindicados como próprios e, todavia, mantidos à distância.

Vários elementos sociais suportam este tipo de constatação individual. Para além de uma relação geralmente pouco hábil da população francófona com a sua língua veicular, relação essa que não

é separável do seu mal-estar no que respeita à suas Letras, verifica-se, de facto, uma carência dos dispositivos legais em matéria de ensino da nossa literatura, e uma vontade de purismo (representada nomeadamente pela famosa caça aos “belgicismos”) em relação à qual podemos perguntar-nos se não terá contribuído, pela ausência de matiz e de combate pelas verdadeiras exigências do francês, para fazer da língua um corpo estanho para a maioria dos nossos concidadãos. No plano económico, o destino das nossas Letras não é mais risonho, pois que nos deparamos com uma ausência quase completa de política por parte dos nossos grandes editores para com um setor inteiramente abandonado às mãos das grandes empresas parisienses, ou das pequenas empresas belgas artesanais. Além disso, verifica-se um contexto cultural bastante particular, desprovido de uma intelligentsia organizada, dotada de meios de investigação e de expressão autónomos, e centrada nos problemas artísticos ou intelectuais contemporâneos, bem como nas questões colocadas pelo espaço social onde é suposto movimentar-se. Esse vazio, que condena a maioria ao exílio parisiense ou à derrelição in situ – ou inclusive ao comprometimento – fez com que um número considerável dos nossos autores privilegiasse géneros estéticos de fraca difusão como a poesia, ou universos imaginários marcados pela irrealização. Enquanto veículo por excelência do debate social, o ensaio, embora frequentemente de alto nível, é raro: diz essencialmente respeito a domínios muito especializados ou a questões abstratas desprovidas de impacto imediato no concreto. Esses não parecem ser os caminhos mais seguros para conseguir-se penetrar a consciência coletiva... Bem pelo contrário, esse caminho dotou-nos de uma classe política tanto mais capaz de estupidecer a língua quanto só raramente encontra contraditores suscetíveis de a pôr a questionar-se; e de um quadro literário prolífico, mas sem influência; dividido no essencial entre uma literatura oficial obcecada com o bem-dizer, e uma multidão de círculos folclóricos para os quais o trabalho artístico se reduz geralmente à utilização

da rima e à afiliação certinha numa associação de escritores. Sem, no entanto, o justificar, esta realidade de antigo regime explica, em parte, o pouco interesse dos media escritos, falados ou audiovisuais pela criação literária autóctone, mesmo quando esta consegue o brilho da consagração parisiense.

No entanto, convém ainda entendermo-nos sobre as lacunas do que se convencionou designar por “instâncias de consagração”! Um sistema de valores existe, de facto, que é revelador dos desafios do mundo social e cultural em que nos movemos. Enquanto a imprensa regional dedica regularmente crónicas, invariavelmente laudativas, aos opúsculos oriundos da respetiva terra, os media da capital lançam frequentemente, e com uma bateria de superlativos, textos de novos autores cujo trabalho, ainda embrionário, traz à soturnidade dos hábitos culturais aquela ligeira diferença suscetível de sacudir discretamente o torpor em que estamos mergulhados sem nunca questionar os seus fundamentos. Não é que o feliz contemplado com este processo tem todas as hipóteses de participar rapidamente no *cursus honorum*; o que não deixa de ser a melhor forma de o impedir de ir mais além do que a sua singularidade primeira? E, depois, é preciso de vez em quando causar uma qualquer diversão no meio desse cenotáfio onde é incessantemente evocado este ou aquele escritor dado como o orgulho das nossas Letras, não é verdade?

Esta noção, de resto muito suspeita, diz muito do tipo de reconhecimento social esperado por alguns para a sua produção literária. Ela define, deste modo, os limites que não devem ser ultrapassados, e sugere o papel pseudoético atribuído à literatura, esse espelho do humano – isto é do homem médio. Pois, nem passa pela cabeça ter verdadeiramente em conta os avanços realizados pela literatura desde há um século, no meio das ruínas do sujeito privado das certezas da fé, da lei e do eu. Basta lembrar que o ensino primário julgou ter conseguido um progresso ao substituir Jean de La Fontaine por Maurice Carême; que, por seu lado, o ensino secundário preferiu

geralmente explicar Rimbaud através de *Le Bateau ivre* (quando não *Le Buffet!*) em vez de *Illuminations*, e Mallarmé através de *L'Azur* em vez de *Un Coup de dés*; que os nomes de Joyce, Artaud ou Céline eram não raramente vistos no limite do interdito; que Sartre era considerado perigoso na rede de ensino cristão, enquanto o mundo laico evitava geralmente a análise de Claudel além do sistema defensivo das suas fanfarrônicas católicas, para não nos espantarmos com o facto de os circuitos de difusão e de análise não fazerem grande caso de ensaístas como Max Loreau, Raoul Vaneigem ou Marcel Moreau. De igual modo, depois de terem desperdiçado Nougé, esses mesmos circuitos haviam de desvalorizar os esforços que Christian Dotremont desenvolvia em torno da linguagem, muito antes de Roland Barthes produzir acerca dela a sua brilhante teoria! Quanto ao mundo literário e teatral, ficou estupefacto e protecionista diante do trabalho realizado por René Kalisky nos confins da abjeção contemporânea. Será que só a morte salva do perigo potencial ao permitir maquilhar o cadáver? Outro sintoma convergente desta bela lógica: o tumulto desencadeado, na sonolência estratificada dos nossos costumes literários, pelo número de *Les Nouvelles Littéraires* que Pierre Mertens organizou em 1976 sobre o tema de *L'Autre Belgique*... Será que este mundo não suporta a existência de um Outro, de um terceiro e de um discurso (forçosamente diferenciador) sobre si mesmo? Teremos mesmo de voltar a esta questão.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

JOSÉ DOMINGUES DE ALMEIDA

Universidade do Porto